

ASHLEY POSTON

Sete anos entre nós

Às vezes você encontra o amor no
lugar certo, mas na hora errada



ARQUEIRO



Para todos os amantes de comida que queimam
até pipoca de micro-ondas: nós seríamos fortes
demais se também soubéssemos cozinhar.





UM COMEÇO

Ó Querida Clementine

– Este apartamento é mágico – disse tia Analea uma vez, sentada na poltrona de encosto alto, azul como um ovo de tordo, o cabelo preso com um grampo de adaga prateada.

Ela me falou isso com malícia nos olhos, como se me desafiasse a perguntar o que ela queria dizer. Eu tinha acabado de fazer 8 anos e achava que sabia tudo.

Claro que aquele apartamento era mágico. Minha tia morava num prédio centenário no Upper East Side, com leões de pedra já meio quebrados nos beirais. Tudo nele era mágico: o jeito como a luz entrava na cozinha de manhã, dourada como gema de ovo. O jeito como o escritório abrigava mais livros do que parecia possível, transbordando das prateleiras e empilhados junto da janela, quase bloqueando toda a luz. Havia mapas estrangeiros colados na parede de tijolos mais distante da sala de estar. O banheiro, com a janela alta perfeita, o vidro jateado que refletia o arco-íris nas paredes cor de céu e a banheira decorada com pés em forma de garras, era o lugar *ideal* para pintar. Lá minhas aquarelas ganhavam vida, as cores pingando dos pincéis enquanto eu imaginava lugares distantes aonde nunca tinha ido. E à noite a lua parecia tão próxima das janelas do quarto que quase dava para pegá-la.

O apartamento era de fato mágico. Nada poderia me convencer do contrário. Mas eu achava que era a minha tia que o tornava mágico: o jeito como vivia, intenso e louco, contagiando tudo que ela tocava.

– Não, não – disse ela, abanando a mão que segurava o cigarro Marlboro aceso.





A fumaça saiu pela janela aberta e fez os dois pombos que arrulhavam no parapeito voarem para o céu sem nuvens.

– Não estou falando de forma *metafórica*, ó querida Clementine. Você pode não acreditar em mim, mas juro que é verdade.

Ela se inclinou para mais perto, a malícia transformando-se num sorriso que refletiu nos olhos castanhos cintilantes, e me contou um segredo.





1

Almoço de editoras

Minha tia sempre dizia: se você não se encaixa num ambiente, engane todo mundo até se encaixar.

Ela também dizia para manter o passaporte sempre em dia, tomar vinho tinto com carnes e branco com todo o resto, encontrar um trabalho que traga realização para o coração e para a mente, não esquecer de se apaixonar sempre que possível, porque o amor não é nada além de uma questão de momento, e mirar na lua.

Sempre, *sempre* mirar na lua.

Deve ter dado certo para ela, porque, onde quer que estivesse no mundo, sentia-se em casa. Valsou pela vida como se pertencesse a cada festa para a qual nunca foi convidada, se apaixonou por todo coração solitário que encontrou e teve sorte em todas as aventuras. Ela tinha uma energia especial: turistas lhe pediam informação quando ela viajava para fora do país, garçons requisitavam a opinião dela sobre vinhos e uísques bons, celebridades perguntavam sobre a vida dela.

Uma vez, quando estávamos na Torre de Londres, fomos parar sem querer numa festa exclusiva na Capela Real de São Pedro ad Vincula e conseguimos *permanecer* lá apenas com um elogio bem dirigido e uma imitação de colar de grife. Na festa, vimos um príncipe de Gales, da Noruega ou de algum outro lugar bancando o DJ. Não me lembro de muita coisa daquela noite porque superestimei minha tolerância a uísque caro.

Toda aventura com a minha tia era assim. Ela sabia como ninguém se encaixar em qualquer lugar.

Você não tem certeza de que garfo usar num jantar chique? Imita a pessoa

9





ao seu lado. Perdeu-se numa cidade onde mora há milhões de anos? Finja que é turista. Está ouvindo uma ópera pela primeira vez? Concorde com a cabeça e comente sobre o vibrato emocionante. Está num restaurante com estrelas Michelin tomando uma garrafa de vinho tinto que custa mais do que seu aluguel? Comente que é encorpado e aja como se já tivesse provado coisa melhor.

No caso, eu tinha provado mesmo.

O vinho de dois dólares do Trader Joe's era mais gostoso do que o que eu estava tomando, mas os pratos deliciosos compensavam. Tâmaras enroladas em bacon, queijo de cabra frito com um fio de mel de lavanda e bolinhos de truta defumada que derretiam na boca. Isso tudo num restaurante pequeno e encantador com luz suave, janelas abertas para que os sons da cidade entrassem, jiboias e samambaias vistosas penduradas em arandelas acima de nós, o ar-condicionado central refrescando nossos ombros. As paredes eram emolduradas de mogno, os sofazinhos eram de um couro maleável que, naquele calor de começo de junho, arrancariam a pele das minhas coxas se eu não tomasse cuidado. O local era intimista, e a distância entre as mesas era pequena, só a ponto de não dar para ouvir as conversas baixas das outras pessoas no estabelecimento em meio ao murmúrio suave e constante da cozinha.

Se fosse possível ter um relacionamento amoroso com um restaurante, seria com esse.

Fiona, Drew e eu nos sentamos a uma mesinha no Olive Branch, um restaurante com estrelas Michelin no SoHo ao qual Drew estava *implorando* para ir desde a semana anterior. Não sou de almoços longos, mas era uma sexta-feira de verão e, para ser justa, eu devia um favor a Fiona, esposa de Drew, já que na semana anterior eu havia precisado faltar a uma peça que Drew queria ver. Drew Torres era editora e vivia ávida para encontrar autores únicos e talentosos, por isso me arrastava junto com Fiona para os shows, peças e lugares mais estranhos possíveis. E olha que eu já havia visitado 43 países com a minha tia, que tinha *talento* para encontrar lugares estranhos.

Mas aquele lugar era muito, *muito* bom.

– Este é o almoço mais chique da minha vida – anunciou Fiona, colocando outra tâmara envolta em bacon na boca.





Era a única coisa que havíamos pedido até o momento que ela podia comer. As fatias de carne wagyu malpassada estavam fora de questão para uma pessoa com sete meses de gravidez. Fiona era alta e esbelta, com o cabelo pintado de lilás e pele bem clara. Tinha sardas escuras nas bochechas e sempre usava brincos kitsch que encontrava em brechós no fim de semana. Os do dia eram cobras de metal com placas na boca que diziam FODA-SE. Ela era a melhor designer interna da Strauss & Adder.

Ao seu lado estava Drew, espetando outra fatia de carne wagyu. Recém-promovida a editora sênior da Strauss & Adder, tinha um cabelo comprido preto e cacheado e pele negra. Sempre se vestia como se estivesse prestes a participar de uma escavação no Egito em 1910, e naquele dia não estava diferente: calça cáqui soltinha, camisa branca de botão bem passada e suspensórios.

Sentada com elas, eu me senti um pouco malvestida com a minha camiseta temática da lanchonete favorita dos meus pais, a calça jeans clara e as sapatilhas vermelhas que me acompanhavam desde a faculdade, que tinham fita adesiva nas solas porque eu não suportava a ideia de me desfazer delas. Já estava havia três dias sem lavar o cabelo e o xampu a seco não ajudava muito, mas eu tinha me atrasado para o trabalho de manhã e nem parei para pensar nisso. Eu era assessora de imprensa sênior na Strauss & Adder, uma eterna planejadora, e mesmo assim não tinha me planejado minimamente para aquele almoço. Na verdade, era uma sexta-feira de verão, e eu não *esperava* que houvesse ninguém no escritório naquele dia.

– Aqui é chique *mesmo* – concordei. – Bem melhor do que aquela leitura de poesia no Village.

Fiona concordou.

– Se bem que eu gostei de todos os drinques terem nome de poetas mortos. Fiz uma careta.

– O Emily Dickinson me deu uma ressaca *horrível*.

Drew pareceu incrivelmente orgulhosa de si mesma.

– Este lugar não é uma delícia? Sabe aquele artigo que eu te mandei? O que saiu na *Eater*? O autor, James Ashton, é o chef principal aqui. O artigo tem alguns anos, mas ainda é uma ótima leitura.

– E você quer que ele publique um livro com a gente? – perguntou Fiona.

– De que tipo? Um livro de culinária?





Drew pareceu genuinamente magoada.

– O que você acha que eu sou, uma plebeia? De jeito nenhum. Um livro de culinária seria desperdício com alguém que é um mago das palavras.

Fiona e eu nos olhamos com entendimento mútuo. Drew tinha dito a mesma coisa sobre a peça da qual escapei por pouco na semana anterior, quando estava me mudando para o apartamento da minha falecida tia no Upper East Side. Fiona me contou no sábado, enquanto eu carregava um toca-discos para o elevador, que ela nunca mais conseguiria nadar no mar.

Dito isso, Drew tinha mesmo um olho fantástico para o que uma pessoa *poderia* escrever, não o que já tinha escrito. Ela era brilhante ao avaliar as possibilidades. Vibrava com elas.

Era isso que a tornava uma espécie de potência única. Ela sempre acolhia os azarões e sempre os ajudava a florescer.

– Que cara é essa, vocês duas? – perguntou Drew, olhando de uma para a outra. – Minha intuição estava certa sobre aquele músico que nós vimos em Governors Island mês passado.

– Meu bem – respondeu Fiona com toda a paciência –, eu ainda estou tentando esquecer a peça que vi semana passada sobre um *homem que teve um caso com um golfinho*.

Drew fez uma careta.

– Aquilo foi... um erro. Mas o músico não foi! Nem aquele tiktoker que escreveu o thriller do parque de diversões. Vai ser fenomenal. E esse chef... Eu *sei* que esse chef é especial. Quero ouvir mais sobre o verão em que ele fez 26 anos. Ele fez uma alusão a isso na *Eater*, mas não foi o suficiente.

– Você acha que tem uma história ali? – perguntou Fiona.

– Eu tenho certeza. Não é, Clementine?

Elas olharam para mim cheias de expectativa.

– Eu... não li, na verdade – admiti.

Fiona fez seu clássico *tsc* de reprovação que no futuro vai acabar fazendo o filho das duas se arrepender de tudo. Eu abaixei a cabeça, constrangida.

– Ah, mas você deveria ler! – respondeu Drew. – Ele andou pelo mundo todo, igual a você. O jeito como relaciona comida com amizades e lembranças... Eu quero esse cara. – Ela voltou o olhar faminto para a cozinha. – Quero muito. – E, sempre que ela fazia aquela cara, não havia como detê-la.





Tomei outro gole do vinho exageradamente seco e peguei o cardápio de sobremesas. Embora nós costumássemos almoçar juntas (era uma vantagem de ter suas melhores amigas trabalhando no mesmo lugar que você), em geral ficávamos em Midtown, e os restaurantes em Midtown eram...

Bem...

Eu tinha comido mais sanduíches, massas e quitutes de food trucks do que gostaria de admitir. No verão, Midtown era um polo turístico, e tentar encontrar um lugar para almoçar que não fosse um food truck ou o gramado do Bryant Park era quase impossível sem reserva.

– Bom, quando você conseguir o cara, eu tenho uma pergunta sobre esse cardápio de sobremesas – falei, apontando para o primeiro item da lista. – O que seria uma torta de limão desconstruída?

– Ah, essa é a especialidade do chef – informou Drew quando Fiona pegou o cardápio da minha mão para ler. – Eu quero experimentar, com certeza.

– Se for só uma fatia de limão polvilhada com açúcar de confeitiro em cima de um biscoito, eu vou rir – disse Fiona.

Olhei o celular pela primeira vez desde que chegamos.

– Seja o que for, é melhor a gente pedir logo e voltar. Falei pra Rhonda que voltaria à uma.

– Hoje é sexta! – argumentou Fiona, balançando o cardápio de sobremesas na minha direção. – Ninguém trabalha às sextas no verão. Principalmente no mercado editorial.

– Bom, eu trabalho – respondi.

Rhonda Adder era diretora de marketing e publicidade e sócia da Strauss & Adder, além de minha chefe. Ela era uma das mulheres mais bem-sucedidas do mercado. Se um livro possuía algum potencial para se tornar um best-seller, ela sabia exatamente como extraí-lo, um grande talento neste meio. Falando em talento, só para que Fiona e Drew entendessem a situação, acrescentei:

– Eu tenho três autores em turnê agora... e alguma coisa *vai* acabar dando errado.

Drew assentiu.

– É a Lei de Murphy editorial.





– E a Juliette se acabou de chorar hoje de manhã por causa do namorado, então estou tentando aliviar a carga dela um pouco.

– Que se foda aquele conquistador barato – declarou Drew.

– Que se *foda* mesmo – concordei.

– Falando em namorado. – Fiona ficou um pouco mais ereta e apoiou os cotovelos na mesa. Ah, eu conhecia aquele olhar e sufoquei um gemido. Ela se inclinou na minha direção com as sobrancelhas arqueadas. – Como andam as coisas entre você e o Nate?

De repente, a taça de vinho pareceu muito interessante, só que, quanto mais ela me encarava aguardando uma resposta, menos determinação eu tinha, até que finalmente suspirei e falei:

– Nós terminamos semana passada.

Fiona arfou como se tivesse sofrido uma ofensa pessoal.

– Semana passada? Antes ou *depois* da sua mudança?

– Durante. Na noite em que vocês foram à peça.

– E você não contou pra gente? – acrescentou Drew, mais curiosa do que a esposa indignada.

– Você não contou pra gente! – ecoou Fiona num grito. – Isso é *importante!*

– Não foi nada de mais. – Dei de ombros. – Foi por mensagem de texto. Acho que ele já está saindo com uma pessoa que conheceu no Tinder.

Minhas amigas me olharam com pena, mas fiz um gesto para tranquilizá-las.

– Sério, tá tudo bem. A gente não tinha muito a ver.

E não tínhamos mesmo, mas omiti a briga que tivemos antes das mensagens de texto. Na verdade, *briga* era uma palavra muito forte. Foi mais um dar de ombros e uma bandeira branca jogada num campo de batalha já abandonado.

– De novo? Você precisa trabalhar até tarde *de novo*? – perguntara ele. – Você sabe que é minha grande noite. Quero você aqui comigo.

Para ser bem sincera, eu tinha esquecido que era a noite de abertura de uma exposição com obras dele. Nate era artista, trabalhava com metal, e aquilo era importante para ele.

– Desculpa, Nate, mas estou resolvendo um negócio sério aqui.

E era mesmo, eu tinha certeza, apesar de não conseguir lembrar qual tinha sido a emergência que me fez ficar até mais tarde no trabalho.





Ele ficou em silêncio por um longo tempo e perguntou:

– É assim que vai ser? Não quero ficar em segundo lugar, atrás do seu emprego, Clementine.

– Você não está!

Ele estava. Com certeza estava. Eu o mantinha meio distante porque pelo menos assim Nate não conseguiria ver como eu estava destruída. Eu podia continuar mentindo. Podia fingir que estava bem... porque eu *estava* bem. Tinha que estar. Não gostava de ver as pessoas se preocupando comigo quando elas tinham tantas outras coisas com que se preocupar. Esse era o meu encanto, não era? Ninguém precisava se preocupar com Clementine West. Ela sempre dava um jeito.

Nate soltou um suspiro pesado.

– Clementine, acho que você precisa admitir. – E foi isso, a simbólica gota d'água. – Você é tão fechada que usa o trabalho como escudo. Acho que eu nem te conheço de verdade. Você não se abre. Não se permite ser *vulnerável*. O que aconteceu com aquela garota da foto com aquarela debaixo das unhas?

Ela não existia mais, mas isso nós já sabíamos. Nate me conheceu quando ela já tinha sumido. Acho que pode ter sido por isso que ele não me largou logo depois que desmarquei com ele da primeira vez, porque ficava tentando encontrar aquela garota que viu uma vez numa foto no meu antigo apartamento. A garota de antes.

– Você me ama? – continuou ele. – Não consigo me lembrar de você dizendo isso nem uma vez.

– Nós só estamos namorando há três meses. É meio cedo, não acha?

– Quando é amor, você sabe.

Eu contraí os lábios.

– Então acho que não sei.

E foi isso.

Eu estava no fim daquele relacionamento. Antes de dizer algo de que me arrependesse, desliguei o telefone e mandei uma mensagem dizendo que estava acabado. Eu enviaria a escova de dentes dele pelo correio. Deus sabia que eu não faria o trajeto até *Williamsburg* se não fosse obrigada.

– Além do mais – acrescentei para Fiona e Drew, pegando a garrafa de vinho caríssimo para encher minha taça –, acho que não quero estar num





relacionamento agora. Quero me concentrar na minha carreira. Não tenho tempo de me envolver com caras que posso acabar largando por mensagem de texto três meses depois. O sexo nem era tão bom.

Tomei um gole grande de vinho para engolir aquela verdade horrível.

Drew me olhou, espantada, balançando a cabeça.

– Olha só isso, não tem nem uma lágrima.

– Eu nunca a vi chorar por causa de homem – disse Fiona para a esposa.

Pensei em argumentar, dizer que eu já tinha chorado, sim, mas achei melhor ficar quieta, porque... ela tinha razão. Eu raramente chorava, e por causa de homem, então? De jeito nenhum. Fiona sempre dizia que era porque todos os meus relacionamentos se resumiam a chamar o homem de *um cara aí*, uma pessoa que não valia nem um nome na minha memória. “Porque você nunca se apaixonou”, disse ela uma vez, e talvez fosse verdade.

“Quando é amor, você sabe”, dissera Nate.

Eu nem sabia como era a sensação do amor.

Fiona fez um gesto de desdém com a mão.

– Bom, o Nate que *se dane*, então! Ele não merecia uma namorada financeiramente estável que manda bem no trabalho e é proprietária de um apartamento no Upper East Side – continuou ela, e isso pareceu lembrá-la da *outra* coisa sobre a qual eu não queria falar. – Como está? O apartamento?

O apartamento. Ela e Drew tinham parado de chamar de “apartamento da minha tia” em janeiro, mas eu ainda não conseguia me livrar do hábito. Dei de ombros.

Eu poderia contar a verdade: que cada vez que passava pela porta, esperava ver minha tia na poltrona de encosto alto, azul como um ovo de tordo, mas a poltrona não estava mais lá.

Nem a dona.

– Está ótimo – decidi dizer.

Fiona e Drew trocaram o mesmo olhar, como se não acreditassem em mim. Tudo bem, eu não tinha muito talento para mentir mesmo.

– Está *ótimo* – repeti. – E por que estamos falando de mim? Vamos encontrar esse seu chef famoso e atraí-lo para o lado sombrio da força.

Peguei a última tâmara e a comi.

– Claro, claro, só precisamos chamar a garçonete... – murmurou Drew,





olhando em volta para ver se chamava alguém, mas era educada e fofa demais para fazer alguma coisa além de olhar fixamente para os funcionários até algum avistá-la. – Eu levanto a mão ou... como se faz nos restaurantes caros?

Drew tinha sido bem mais proativa para encontrar autores e construir sua lista de escritores nos meses anteriores, mas precisei me perguntar se alguma dessas incursões (o show em Governors Island, a peça a que lamentavelmente não pude assistir, a ópera no mês anterior, o influenciador de TikTok que conhecemos numa livraria em Washington Heights, a exposição do artista que pintava com o corpo) tinham sido para ajudar a me distrair. Para aliviar meu luto. Só que fazia quase seis meses e eu já estava bem.

Estava mesmo.

Mas era difícil convencer alguém disso quando a pessoa tinha visto você chorando no chão do banheiro às duas da madrugada, caindo de bêbada, na noite do enterro da sua tia.

As duas tinham testemunhado as piores e mais cruas partes de mim, e não apagaram meu número do celular delas. Nem sempre era fácil se relacionar comigo. O fato de continuarem ao meu lado significava mais para mim do que eu conseguiria admitir, e ser arrastada naqueles passeios nos meses anteriores havia sido revigorante.

Então o mínimo que eu podia fazer era chamar a garçonete para Drew.

– Deixa comigo.

Suspirei e levantei a mão para chamar a nossa garçonete na hora em que ela se liberou de outra mesa. Não sabia se era assim que se chamava a atenção num restaurante chique, mas ela veio depressa.

– Nós gostaríamos de pedir o... hã... – Olhei para o cardápio de sobremesas.

Fiona se manifestou:

– O troço desconstruído de limão!

– Isso – falei. – E podemos também falar com o chef principal?

Drew tirou logo um cartão de visitas da bolsa para entregar à garçonete, e eu acrescentei:

– Pode dizer que nós somos da editora Strauss & Adder e gostaríamos de conversar sobre uma oportunidade de trabalho... um livro.





A garçonete não pareceu surpresa com o pedido quando pegou o cartão de visitas e o enfiou no bolso da frente do avental. Ela disse que veria o que podia fazer e saiu rapidamente para pedir nossa sobremesa.

Drew aplaudiu em silêncio.

– Lá vamos nós! Hein, tá sentindo a emoção? Nunca passa.

A empolgação dela era contagiante, apesar de eu não estar muito animada com aquele chef.

– Nunca – falei.

De repente meu celular vibrou no bolso. Eu o peguei e olhei a notificação de e-mail. Por que uma das minhas autoras estava me escrevendo?

Fiona se inclinou na direção da esposa.

– Aaah, que tal a gente juntar a Clem com aquele cara novo que se mudou para o apartamento ao lado do nosso?

– Ele é fofo – concordou Drew.

– Não, obrigada. – Abri meu e-mail. – Não estou pronta para pular em outro relacionamento depois do Nate.

– Você disse que já tinha passado!

– Ainda tem um período de luto... Ah, merda – falei, após terminar de passar os olhos pela mensagem, e me levantei. – Desculpa, tenho que correr.

Fiona perguntou, preocupada:

– Aconteceu alguma coisa? A sobremesa ainda nem chegou.

Peguei a carteira na minha bolsa Kate Spade falsa e coloquei na mesa o cartão de crédito da empresa, já que, tecnicamente, aquilo era um almoço de trabalho.

– Uma das minhas autoras em turnê ficou presa em Denver e a Juliette não está respondendo aos e-mails dela. Vocês colocam o almoço no cartão e a gente se vê no trabalho? – pedi, em tom de desculpas.

Drew pegou o cartão, parecendo abalada.

– Espera, o quê? – Ela olhou para a cozinha e depois para mim.

– Você vai tirar de letra – falei, e minha autora enviou outro e-mail, em pânico.

Abracei as duas e roubei uma última bolinha frita de queijo de cabra, tomei o que restava do vinho e me virei para sair...

– Cuidado! – gritou Drew.





Fiona arquejou.

Tarde demais.

Eu colidi com o garçom atrás de mim. A sobremesa que ele estava carregando foi para um lado e ele para o outro. Estiquei a mão para pegá-la enquanto ele esticou a dele para *me* pegar e me puxar de volta. Tropecei e ele me segurou, o aperto forte no meu braço.

– Te peguei – disse o garçom, calorosamente.

– Obrigada, eu... – E foi nessa hora que percebi que minha outra mão estava no peitoral todo forte dele. – *Ah!* – Devolvi a sobremesa depressa e me afastei. – Peço mil desculpas!

Minhas bochechas ficaram rosadas na mesma hora. Eu não conseguia olhar para o sujeito. Tinha acabado de deixar a mão num estranho por mais tempo do que o necessário.

– ... Limão...? – perguntou o homem.

– Sim, desculpa, desculpa, é a nossa sobremesa, mas eu tenho que ir – respondi, apressada.

Meu rosto estava vermelho como um tomate. Desviei dele e falei “Boa sorte” para as minhas amigas com movimentos labiais, saindo do restaurante.

Duas ligações para a Southwest Airlines e quatro quarteirões depois, coloquei a autora num voo para a última parada da turnê. Entrei no metrô para voltar a Midtown e ao trabalho... e tentei tirar da cabeça a sensação do toque firme daquele homem, da solidez de seu peito, do jeito como ele se curvou na minha direção... Ele *se curvou*, não foi? Como se me *conhecesse*? Eu não estava imaginando coisas?





Strauss & Adder

Desde a primeira vez que passei pelo arco de pedra, entrei no prédio na 34th Street e subi no elevador cromado até o sétimo andar, soube que havia algo de especial na editora Strauss & Adder. No jeito como as portas se abriram num saguão pequeno com estantes brancas cheias de livros, tanto os que eles tinham publicado quanto os que simplesmente amavam, nas poltronas de couro surradas viradas para quem chegava, convidando as pessoas para afundar nas almofadas, abrir um livro e mergulhar nas palavras.

A Strauss & Adder era uma editora pequena mas poderosa em Nova York, especializada em ficção adulta, biografias e não ficção sobre estilo de vida (tipo livros de autoajuda, receitas e dicas práticas), porém era mais famosa pelos guias de viagem. Quando você queria um guia para um lugar distante, procurava o logotipo de martelo estilo macete da Strauss & Adder para se informar sobre o melhor restaurante nos recônditos mais remotos de cidades estrangeiras, lugares onde ainda assim se sentiria em casa.

Eu poderia fazer assessoria de imprensa em qualquer lugar (e provavelmente receberia mais por isso), só que não ganharia livros de viagem numa empresa grande de tecnologia, nem numa sucursal do inferno mais conhecida como firma de assessoria. Havia algo de seguro e adorável em andar todos os dias pelo corredor cheio de livros sobre Roma, Bangcoc e a Antártica, e também no aroma encantador de papel velho que lembrava um perfume de loja de departamentos. Eu não queria escrever livros, mas adorava a ideia de algum guia de turismo já morto ou obsoleto falando sobre catedrais de antigamente e templos de deuses esquecidos. Adorava como um livro, uma história, um conjunto de palavras numa frase organizada na ordem certa





fazia com que você sentisse saudade de lugares que nunca havia visitado e de pessoas que não conhecia.

O escritório era todo aberto, cercado por estantes do chão ao teto com livros, um espaço amplo e iluminado. Todo mundo tinha suas baias, toda mesa era adornada pelos objetos favoritos de cada um: ilustrações, bonecos e coleções de livros. A minha ficava mais perto da sala da minha chefe. Os superiores tinham salas com portas de vidro, muita privacidade se comparados aos meros mortais como eu, que preciso ouvir Juliette na baia da frente chorando por causa do namorado de dez meses, o conquistadorzinho barato dela, com quem vivia terminando e voltando. (Que ele fosse para o inferno.)

Mesmo dentro das salas chiques com portas de vidro, dava para ver a chefe distraída como o resto da equipe às duas da tarde de uma segunda-feira.

Mas ali estávamos todos nós, porque, se havia uma coisa que amávamos, eram os livros.

Conseguí enviar para alguns autores solicitações de entrevista de veículos de comunicação antes de Fiona voltar para o escritório.

– A sobremesa estava fantástica – disse ela, vindo devolver meu cartão de crédito.

Fiona, como toda a equipe de design, ficava banida no canto sombrio e cheio de teias de aranha onde os CEOs enfiavam o pessoal diferentão da arte. Pelo menos três dos designers tiveram que começar a tomar vitamina D de tão escuro que era lá.

– O chef também.

– Odeio ter perdido isso – respondi.

Fiona deu de ombros e devolveu meu cartão.

– Você esbarrou nele, na verdade.

Fiz uma pausa. O homem da mão forte. Do peito quente e sólido.

– Aquele... era *ele*?

– O próprio. Ele é uma joia. Um amor... Ah, me conta, conseguiu salvar sua autora do inferno no aeroporto?

– Claro – respondi, abandonando meus pensamentos. – Você tinha alguma dúvida?

Fiona balançou a cabeça.

– Tenho inveja de você.





Isso me surpreendeu.

– Por quê?

– Sempre que precisa fazer alguma coisa, você vai lá e faz. Direto. Sem hesitar. Acho que é por isso que a Drew gosta tanto de você – acrescentou ela um pouco mais baixo. – Você é uma planilha de Excel no meio do meu caos.

– É que eu gosto das coisas do meu jeitinho – respondi.

Fiona me contou o que eu tinha perdido no restaurante: pelo jeito, alguém da Faux tinha procurado o chef para falar de um livro (Parker Daniels, Drew achava), assim como a Simon & Schuster, dois selos da HarperCollins e um da Macmillan. Provavelmente haveria mais.

Dei um assobio baixinho.

– A Drew tem concorrência pesada.

– Eu sei. Mal posso esperar até ela começar a falar só disso – disse Fiona, certa. Ela olhou o smartwatch e gemeu. – Preciso voltar para a caverna. Cineminha de noite? Acho que aquela comédia romântica de dois assassinos que se apaixonam já estreou, não?

– Posso pular essa? Ainda estou desencaixotando a mudança. Você pegou a nota? – pedi.

Fiona apanhou o papel na bolsa e me entregou, e então partiu para a seção escura e úmida do nosso andar. Entrei na sala de Rhonda para entregar a nota fiscal, mas ela não estava lá.

A maioria dos outros chefões, inclusive Reginald Strauss, tinha fotos da família, das férias, lembranças de momentos felizes, nas paredes e nas mesas. A sala de Rhonda era cheia de fotos de celebridades em lançamentos de livros e eventos de gala. Prêmios pelas conquistas dela cobriam as prateleiras onde deveriam ficar os presentes dos netos. Ficava bem óbvio o que ela havia escolhido, a vida que tinha decidido viver, e, cada vez que entrava ali, eu me imaginava sentada na cadeira laranja tendo escolhido uma vida parecida.

De repente, a porta de vidro se abriu, e Rhonda Adder, em todo o seu glamour, entrou na sala.

– Ah, Clementine! Feliz sexta-feira, como sempre – anunciou ela com alegria e uma elegância de dar inveja, com um terninho preto e saltos floridos, o corte chanel grisalho afastado do rosto com uma presilha.





Sempre que Rhonda entrava numa sala, ela a comandava de um jeito que eu queria fazer. Todos se voltavam para ela. Todas as conversas paravam.

Rhonda Adder era brilhante e carismática em igual medida. Diretora de marketing e publicidade, além de sócia, tinha começado numa firma de relações públicas pequena no SoHo, recortando boatos de tabloide e dispensando ligações de telemarketing, e agora planejava e coordenava campanhas de livros de alguns dos maiores nomes do mercado. Ela era um *ícone* na área, a pessoa que todo mundo queria ser. A pessoa que *eu* queria ser. Alguém com a vida sob controle. Alguém que tinha um plano, tinha objetivos e sabia exatamente de quais ferramentas precisava para implementá-los.

– Feliz sexta-feira, Rhonda. Desculpa por ter demorado no almoço – falei depressa.

Ela abanou a mão.

– Não tem problema nenhum. Eu vi que você resolveu o caos no aeroporto da Adair Lynn.

– Ela está tendo um azar *danado* nessa turnê.

– Vamos ter que mandar flores quando ela chegar em casa.

Rhonda abriu uma gaveta e pegou um saquinho de amêndoas banhadas em chocolate.

– Pode deixar. Botei um gasto de almoço na conta – acrescentei, colocando a nota e o cartão de crédito na mesa.

Ela deu uma olhada nos dois e arqueou a sobrancelha.

– A Drew está atrás de um autor para um projeto de não ficção – expliquei.

– Ah. Quer? – Ela me ofereceu o saquinho de amêndoas.

– Obrigada.

Peguei uma, me sentei na cadeira barulhenta em frente à dela e a atualizei quanto aos acontecimentos da tarde: as entrevistas de podcast marcadas, os itinerários alterados, os eventos de livraria recém-confirmados. Rhonda e eu trabalhávamos como uma máquina bem lubrificada. Havia um motivo para todo mundo dizer que eu era o braço direito dela... e eu esperava ser sucessora dela um dia. Todo mundo achava que seria eu.

Rhonda guardou as amêndoas e se virou para o computador. Fiz menção de me levantar, a reunião encerrada, mas ela disse:





– Vi que você cancelou seu pedido de férias no fim do verão. Algum motivo para isso?

– Ah.

Tentei parecer calma enquanto ajeitava a frente da minha blusa amassada. No fim do verão, minha tia e eu sempre fazíamos nossa viagem anual para o exterior: Portugal num verão, Espanha no seguinte, Índia, Tailândia, Japão. Meu passaporte estava cheio de todos os lugares para onde fomos ao longo dos anos. Eu tirava a mesma semana de férias em agosto desde que entrei na Strauss & Adder, então claro que Rhonda reparou quando decidi não viajar.

– Eu concluí que talvez fosse melhor investir meu tempo aqui, então não vou mais.

Nunca mais.

Ela me olhou de um jeito estranho.

– Você está brincando. Clementine, você não tirou um único dia de folga o ano todo.

– Fazer o quê? Eu amo meu trabalho.

Eu sorri porque *era* verdade. Eu amava o meu trabalho, e era uma boa distração de... *tudo*, e, se continuasse me concentrando nas coisas na minha frente, a dor não me alcançaria às duas da madrugada como queria.

– Eu também amo o meu trabalho, mas tirei férias este ano e fui para as Maldivas. Fiz uma massagem ótima lá. Posso te dar o número do meu massagista, se você decidir ir.

Ah, sim, porque eu tinha dinheiro para isso. Bem, sendo a dona do apartamento da minha tia, talvez eu pudesse ter. Abri um sorriso forçado.

– Eu estou bem, de verdade. Além do mais, *Boston no outono* vai ser lançado nessa semana, e você sabe que aquele autor é *muito* detalhista. Prefiro lidar com ele a fazer a Juliette lidar...

– Clementine – interrompeu ela. – Tira a porcaria das suas férias acumuladas. É por isso que você tem férias.

– Mas...

– Seu pedido de cancelar o pedido está recusado.

– Mas não vou mais viajar – falei, tentando não entrar em pânico. – Pedi a devolução do dinheiro das passagens!

Ela me olhou por cima dos óculos de armação vermelha.

– Então você tem dois meses para decidir o que vai querer fazer. Metade





do nosso catálogo é de guias de viagem. Pega um. Sei que você vai se inspirar. Afinal, você vai precisar de férias.

– Eu acho mesmo que não vou.

Em resposta, ela virou a cadeira na minha direção de novo e, com um suspiro, tirou os óculos, que ficaram pendurados num fio de contas em volta do pescoço dela.

– Tudo bem. Fecha a porta, Clementine.

Ah, não. Em silêncio, obedeci, embora com certa hesitação. Na última vez em que Rhonda me pediu para fechar a porta, descobri que ela havia demitido o designer de marketing. Eu me sentei de novo, com cautela.

– Tem... tem alguma coisa errada?

– Não. Bom. Tem, mas nada grave.

Ela juntou os dedos e me encarou. Estava usando rímel e delineador, e isso sempre a deixava com uma expressão mais intensa.

– Você tem que jurar segredo, Clementine, até chegar a hora certa.

Eu me empertiguei na cadeira. Era algo importante, então. Um livro novo? A biografia de uma celebridade? Strauss venderia a empresa? Michael do RH finalmente tinha pedido demissão?

Então ela disse:

– Estou planejando me aposentar no fim do verão, mas só quero ir sabendo que a Strauss & Adder está em boas mãos.

Achei que não tinha ouvido direito.

– Você... O quê? Vai *se aposentar*?

– Vou.

Eu não sabia o que dizer.

Não havia palavras para descrever a minha profunda... tristeza? Decepção? A Strauss & Adder sem Rhonda era como um corpo sem alma... uma estante sem livros. Ela *construiu* a empresa com Strauss. Cada um dos best-sellers nos últimos vinte anos tinha sido trabalho dela.

E ela queria *se aposentar*?

– Não me olha assim – disse Rhonda, com uma risada nervosa.

Ela *nunca* ficava nervosa. Então não estava de brincadeira. Era tudo verdade.

– Eu já fiz a minha parte! – continuou Rhonda. – Mas não vou embora se o navio for afundar por causa disso. Me dediquei muito a isso aqui – acres-





centou ela, como se lembrasse que *seu nome* estava literalmente na empresa.
– Mas só você e o Strauss sabem por enquanto, e eu gostaria que continuasse assim. Quem sabe que tipo de sanguessuga essa notícia vai atrair quando for oficial.

Minha boca ficou seca.

– Tu... tuuudo bem.

– Enquanto isso, quero que você assuma a liderança da maioria dos projetos e aquisições neste verão, para vermos como vai se sair. Eu vou estar nas reuniões, claro, mas vamos considerar uma simulação.

– Pra ver se eu consigo me virar sem você aqui?

Ela me olhou com uma expressão perplexa e riu.

– Ah, não, querida. Para assumir o meu lugar!

Se eu já não estivesse sentada, meus joelhos teriam cedido na mesma hora. Eu, no lugar de Rhonda? Não ouvi direito enquanto ela falava que eu era muito dedicada e exemplar, exatamente o tipo de mulher que ela havia sido na minha idade, e que aquela era a oportunidade pela qual ela faria qualquer coisa. Que jeito melhor de cuidar do futuro do que dar a ele a chance de ser bem-sucedido?

– Então é isso: você vai assumir metade do meu lugar. Quando eu e o Strauss abrimos a empresa, me tornei diretora de marketing e publicidade, além de sócia, porque a empresa era muito pequena, mas eu não desejaria isso para mais ninguém. – acrescentou. – Mas, dependendo do seu desempenho no verão, estou inclinada a sugerir seu nome como nova diretora de marketing. Você está aqui há mais tempo do que todo mundo da equipe e eu acho justo, sem falar que eu seria uma idiota se não fizesse isso.

Eu... não sabia o que dizer.

Felizmente, ela não esperava que eu dissesse nada, pois botou os óculos e se virou para o computador.

– Então, como você pode ver, imagino que vá precisar tirar férias antes de começar no novo cargo. Vou te passar o nome do meu massagista nas Maldivas.

Meu queixo caiu. Soltei um gritinho. Minha cabeça estava girando com tanta informação.

– Agora, você pode me mandar as reuniões da semana que vem? Alguma coisa me diz que a Juliette vai esquecer. De novo.





Era a minha deixa para sair.

Rezei para as minhas pernas funcionarem quando me levantei.

– Vou providenciar agorinha – respondi, e saí da sala dela.

Primeiro, o cancelamento das minhas férias foi negado, depois Rhonda soltou que talvez *se aposentasse*? E que eu poderia assumir o lugar dela como chefe do *departamento*?

Eu não queria pensar naquilo.

Minha baia ficava do outro lado do corredor, em frente à porta dela, a mais ou menos uns três metros. Era arrumado e impecável, o tipo de espaço que Drew chamava de “despedida de uma caixa só”. Significava que, se eu fosse demitida, só precisaria de uma caixa para guardar todas as minhas coisas antes de ir. Eu não estava planejando *ir* a lugar algum; estava ali havia sete anos, só não tinha muito o que exhibir. Algumas fotos, algumas das minhas pinturas em aquarela em tamanho de cartão-postal com áreas da cidade: o lago do Central Park, a ponte do Brooklyn vista de Dumbo, um cemitério no Queens. Tinha um boneco bobblehead de William Shakespeare, um box de colecionador com os trabalhos das irmãs Brontë e um bookplate autografado de um autor que eu não conseguia lembrar quem era e não conseguia mais ler o nome.

Eu me sentei, meio entorpecida e meio perdida, pela primeira vez em anos. Aposentar. Rhonda ia *se aposentar*.

E queria que eu assumisse o lugar dela.

Meu peito se apertou de pânico.

Alguns minutos depois, Juliette, uma mulher pequena com cabelo louro trançado, olhos grandes de cervo e batom vermelho-cereja, voltou para a baia dela, de olhos vermelhos, fungando. Ela se sentou.

– A g-gente terminou de novo...

Distraída, peguei a caixa de lenço embaixo da mesa e ofereci um a ela.

– Que dureza, amiga.





Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

